

**Os mortos não
estão mais sós**

VINCENT PETITET

Os mortos não estão mais sós

[Romance]

Tradução
Simone Ceré



Editora Sulina

Copyright © Editora Meridional, 2020
Copyright © Pierre-Guillaume de Roux, 2019
Título original: *Les morts ne sont plus seuls*
Tradução: Simone Ceré

Capa: *Like Conteúdo*
Revisão: *Patrícia Aragão*
Projeto gráfico: *Daniel Ferreira da Silva*
Editor: *Luis Antonio Paim Gomes*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária responsável: Denise Mari de Andrade Souza CRB 10/960

P489m Petitet, Vincent
 Os mortos não estão mais sós / Vincent Petitet, tradução de
 Simone Ceré. – Porto Alegre: Sulina, 2020.
 197 p.: 14x21cm.

 Título original: *Les morts ne sont plus seuls*
 ISBN: 978-65-5759-005-8

 1. Literatura Francesa – Romance. 2. Romance Francês.
 I. Título.

 CDU: 821.133.1-3
 CDD: 840
 890

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Editora Meridional Ltda.
Rua Leopoldo Bier, 644, 4º andar – Santana
Cep: 90620-100 – Porto Alegre/RS
Fone: (0xx51) 3110.9801
www.editorasulina.com.br
e-mail: sulina@editorasulina.com.br

{Agosto/2020}

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

Para Léo

[...] sob a égide da águia de Júpiter, o grande Pã, símbolo da Terra, submete-se entristecido a uma pena de escravidão e exílio enquanto aos seus pés junta-se a sombria falange dos monstros do Érebo e da Noite, dos seres da Sombra e do mistério, os indecifráveis enigmas das Trevas.

Gustave Moreau, *Carnets*

Reconhece o que está diante de ti, e o que está escondido te será revelado. Pois não há nada de oculto que não seja manifestado.

Evangelho segundo Tomé, 1:5

Prólogo

Ele estava de volta. A morte de seu irmão o fizera regressar. De início uma música distante. O som de uma flauta, um toque alegre e sedutor. Suave. Depois barulhos de ervas, roçar de folhas, murmúrios. A flauta mais aguda. O ar mais perfumado. Antoine estava encolhido no fundo da cama. A última vez que lhe aparecera, ele devia ter cinco anos. Estava de volta hoje. Sete anos depois. Soube à tarde que ele viria visitá-lo em seu quarto, naquela noite. Soubera porque a morte de seu irmão lhe tinha revelado. Antoine sentira intuitivamente a chegada noturna do grande fauno, do louco com corpo de cabra. Ele não estava mais longe agora. Escutava-o falar com as flores, chamar a atenção dos esquilos, despertar uma raposa, dando-lhe um sermão pela fragilidade de sua toca. Escutava-o dançar com os morcegos e escalar a hera que cingia a casa de um emaranhado vegetal. O ar estava saturado de odores de lilás e patchouli, misturados a eflúvios de enxofre. Fazia calor, muito calor. Não se lembrava mais de seu nome. Ele dissera-lhe havia sete anos, mas, muito assustado para lembrar, Antoine esquecera-se dele e colocava a aparição na conta de um pesadelo.

“Antoine”, escutou, “Antoine...”. Depois um riso sarcástico. Depois um sussurro: “Diga meu nome, Antoine”. Encolhido sob as cobertas, Antoine buscava em vão um nome para dar à criatura.

– *Por que não fala o meu nome?* – disse a voz, agora rouca.

– *Não sei mais* – respondeu Antoine.

– *Seu irmão morreu. Eu sou a vida. Seu irmão vai virar húmus da minha terra, das minhas florestas e dos meus bosques. Servirá de alimento para meus animais, meus insetos e meus vermes. Mas ele retornará.*

Antoine escutou Bart, seu gato, ronronar. A criatura sussurrava palavras incompreensíveis a Bart, de modo que este, saltitante, se plantou diante de Antoine.

– *Por que você tem medo?* – perguntou o gato a Antoine.

– *Que babaca.*

Espantado de ouvir seu gato falar, Antoine tentou acariciá-lo. Mas Bart se esgueirou para fora das cobertas. Antoine quis pegá-lo, mas ele escorregou involuntariamente da cama, caindo no chão. Levantou a cabeça. Diante dele, a criatura olhava-o, imensa, poderosa, imperador dos bosques e das florestas, envolto numa auréola feita de pássaros e insetos, triunfante, sua flauta na mão. Ele a agitou na direção de Antoine, os olhos magnificamente negros, o queixo arrogante, o corpo meio homem, meio bode, coberto de músculos nodosos e palpitantes. Com uma voz que tinha a força de um furacão e o eco de uma avalanche, a criatura mugiu:

– *Eu sou o deus Pã!*